

## A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO CINEMA BRASILEIRO<sup>1</sup>

Kimberly Surien GANZER<sup>2</sup>  
Jéssie Marielle Ribeiro da SILVA<sup>3</sup>  
Maurício Felix HERMES<sup>4</sup>  
Centro Universitário Unifacvest, Lages, SC

### RESUMO

A representatividade negra têm sido tema de debates nos últimos 60 anos. Apesar de o Brasil ser um país majoritariamente negro, há um impasse na representação dos mesmos nos meios de comunicação em papéis de destaque ou protagonismo. O presente artigo tem como objetivo analisar dois filmes do cinema brasileiro: “Macunaíma” (1969), dirigido por Joaquim Pedro de Andrade e “Bahia de Todos os Santos” (1960), dirigido por José Trigueirinho Neto. Buscando identificar e compreender as diferenças e semelhanças entre as duas narrativas, que envolvem a representação do negro nas produções cinematográficas em papéis secundários ou estereotipados. Para entender a importância da representatividade negra no cinema brasileiro foi produzido um estudo comparativo levando em consideração um momento crucial do cinema brasileiro: o Cinema Novo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema; Cinema Brasileiro; Negro; Protagonismo; Representatividade.

### 1. Introdução

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Acadêmica do 5º semestre de Comunicação Social - Hab. em Jornalismo, no Centro Universitário Unifacvest - Lages - SC. E-mail: ganzerkimberly@gmail.com.

<sup>3</sup> Acadêmica do 5º semestre de Comunicação Social - Hab. em Jornalismo, no Centro Universitário Unifacvest - Lages - SC. E-mail: jehmariribeiro@gmail.com

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social no Centro Universitário Unifacvest - Lages - SC. E-mail: mauhermes.jornalista@hotmail.com

O cinema surgiu na França, com os irmãos Lumière em 1895, e tornou-se uma das grandes manifestações artístico-culturais, popularizou-se pelo mundo inteiro, e impactou o homem moderno no seu jeito de ser e de ver a cultura como um todo. Em várias partes do mundo o cinema se desenvolveu de formas diferentes, dialogando com a cultura existente em cada país.

No cinema nacional, existe grande representatividade da cultura brasileira, porém em um país que possui uma vasta miscigenação de povos e com uma população em sua maioria negra, a representatividade desta parcela da população no cinema Brasileiro é pequena, e quase sem nenhum protagonismo. O objetivo deste estudo é justamente analisar o papel do negro dentro do cinema, os estereótipos criados para defini-los, e o preconceito velado que ainda compõe o ambiente cinematográfico.

Para entender o contexto do negro dentro do cinema é preciso levar em consideração desde o surgimento das primeiras produções até a representatividade do negro nos dias atuais, bem como os filmes que serão analisados, “Macunaíma” que sofreu censuras do regime militar por abordar problemas sócio-culturais, e o filme “Bahia de todos os Santos” que foi considerado o precursor do cinema novo.

## **2. Uma breve história do Cinema Brasileiro**

Para entender as várias linguagens existentes nas produções cinematográficas é preciso levar em consideração seu significado básico. Segundo o dicionário Aurélio, sua primeira definição é “arte de compor e realizar filmes destinados a serem projeções cinematográficas”.

“Cinema é, antes de tudo, um processo que permite a realização de filmes. Também é outras coisas. Milhares de pessoas estudam cinema não para fazer filmes, e sim para arquivá-los, pesquisá-los, entendê-los, criar teorias sobre eles e criticá-los. Essas pessoas são importantes e fazem parte do mundo do cinema. [...]

Vou chamar genericamente de “filme” qualquer sequência de imagens em movimento com som sincronizado que conta uma história. Não importa a duração, o suporte ou a forma de veiculação. Não importa se é um longa produzido e exibido em 35mm, ou um curta em vídeo de um minuto gravado e editado num celular. O desafio é o mesmo: contar uma história e encantar o espectador.” (GERBASE, 2012)

Para chegar ao conceito de cinema que encontramos hoje, foi um longo caminho. O desejo de registrar o movimento é bem antigo, remonta a idade pré-história, onde já eram encontrados registros de desenhos em movimento. Na China há registros de 5.000 a.C, época em que eram produzidos teatros de sombras..

Com a evolução da tecnologia, o cinema enfim ganhou formato, som e cor, transformando-se em um importante meio de comunicação. No Brasil, a trajetória do cinema é marcada por movimentos sociais que priorizam as minorias e tendem a enfatizar a cultura brasileira.

Através da primeira exibição cinematográfica em 1896 na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, o cinema passou a ser parte da sociedade brasileira. Em 1897 criou-se a primeira produção cinematográfica, nomeada “Vista da Baía de Guanabara” dirigido por Alfonso Segreto. O avanço cinematográfico no país só aconteceu uma década depois, juntamente com o avanço de energia elétrica que possibilitou a criação de mais salas de exibição nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Em 1920, o cinema expande para outras capitais como Recife, Porto Alegre e Belo Horizonte, atraindo a atenção de muitas pessoas à “sétima arte”. Como resultado, em 1930 criou-se o primeiro estúdio cinematográfico do país “Cinédia”, que mudou e profissionalizou a forma como os filmes brasileiros eram produzidos. Na mesma época, com a possibilidade de inserção de som nas películas, o Cinédia passou a investir em comédias musicais, produzindo longas-metragens no estilo hollywoodiano.

Na década de 40, são criados novos estúdios cinematográficos no país, a companhia “Atlântida Cinematográfica”, fundada em 1941, ganha fama através de um novo tipo de

comédia, a chamada “chanchada”<sup>5</sup>. Apesar de ser um gênero de baixo custo, ela lotou as salas de cinema até a década de 50, tendo como principais humoristas Grande Otelo<sup>6</sup> e Oscarito<sup>7</sup>.

Em 1949 se instalou em São Bernardo do Campo, São Paulo, a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, que buscou se afastar das produções populares da época e investir em produções mais elaboradas, tendo como objetivo padronizar-las nos moldes hollywoodianos, mas devido o alto custo das produções, o estúdio acabou indo a falência. Cineastas brasileiros, descontentes com o modelo norte-americano e com o intuito de criar um cinema tradicional brasileiro, firmaram um movimento intitulado como “Cinema Novo”.

As produções cinematográficas da época, tiveram grande dificuldade nas produções brasileiras devido ao alto custo de produção, e mais tarde sob a censura da Ditadura Militar.<sup>8</sup> Com o fim do Cinema Novo e o retorno à democracia, o então presidente do Brasil Fernando Collor extinguiu os órgãos que regulamentavam as estatísticas sobre o cinema brasileiro, bem como a Fundação do Cinema Brasileiro, o Ministério da Cultura, Concine e a Embrafilme, estatal, produtora e distribuidora de filmes da época.

Foi somente em 1995 que o cinema brasileiro retomou as suas atividades, produzindo cada vez mais filmes e entrando no cenário cinematográfico mundial. Essa era, chamada de “Cinema da Retomada”, perpetuou até o início dos anos 2000 quando a era “pós-retomada” entrou em cena e permaneceu até os dias atuais, marcada por grandes produções cinematográficas.

Na busca pela renovação da linguagem e na esteira das novas tecnologias, o cinema brasileiro felizmente vem trilhando vários caminhos alternativos, ampliando o leque de gêneros e tentando trazer outros tipos de público aos

---

<sup>5</sup> É o espetáculo ou filme em que predomina um humor ingênuo, burlesco, de caráter popular.

<sup>6</sup> Pseudônimo de Sebastião Bernardes de Souza Prata ou Sebastião Bernardo da Costa foi um ator, comediante, cantor, produtor e compositor brasileiro

<sup>7</sup> Pseudônimo de Oscar Lorenzo Jacinto de la Inmaculada Concepción Teresa Díaz foi um ator hispano-brasileiro, considerado um dos mais populares cômicos do Brasil.

<sup>8</sup> Refere-se ao regime instaurado em 1 de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares. De caráter autoritário e nacionalista, teve início com o golpe militar que derrubou o governo de João Goulart, o então presidente democraticamente eleito.

cinemas, de gosto mais apurado e ansioso por novas experiências. A verdadeira guinada do cinema nacional na primeira década dos anos 2000 se deu com filmes de diretores autorais, que buscaram novos discursos e narrativas dentro da linguagem cinematográfica. As obras destes diretores refletem a perplexidade, o desconforto, o estranhamento e a insegurança que permeiam o Brasil contemporâneo e algumas tocam fundo nas nossas feridas sociais. (MORIS,2016).

### **3. Cinema Novo: “Uma câmera na mão, e uma ideia na cabeça”**

O primeiro Congresso Paulista de Cinema Brasileiro e o primeiro Congresso Nacional do Cinema Brasileiro, aconteceram em 1952 sob protestos de jovens cineastas brasileiros que acreditavam que os filmes produzidos até então dependiam do patrocínio de “um Brasil analfabeto e empobrecido”. Os participantes do Congresso queriam desvencilhar o cinema brasileiro do padrão americano, mas como a indústria cinematográfica do país sofria com a falta de recursos que dificultava produções de alta qualidade, artistas, cineastas e intelectuais buscaram realizar as mudanças que tanto sonhavam através do lema “Uma câmera na mão, e uma ideia na cabeça”.

Os cineastas brasileiros moldaram o Cinema Novo (1960-1972) baseado nas fórmulas e padrões do Neorealismo Italiano<sup>9</sup> e Nouvelle Vague Francesa<sup>10</sup>, firmando uma resposta à instabilidade racista e classista do país. Contrariando a artificialidade e a alienação do cinema estrangeiro, o Cinema Novo possuía um tom realista, buscando desenvolver narrativas que exploravam o cotidiano brasileiro, dando ênfase nas desigualdades sociais e ao intelectualismo, permitindo que as representações sociais e raciais não passassem despercebidas. Gravados em cenários simples, como o sertão nordestino e a favela, procuravam retratar o subdesenvolvimento do país, contextualizando um Brasil mais próximo de sua realidade social.

---

<sup>9</sup> Foi um movimento cinematográfico (1940), caracterizado por histórias sobre a classe trabalhadora, tratando de temas como as dificuldades econômicas e sociais na Itália pós-Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945).

<sup>10</sup> Foi uma nova estética de cinema criada na França, em 1958, como reação contrária às superproduções hollywoodianas da época – o chamado “cinema de autor”.

Segundo STAN E JOHNSON (1995), o Cinema Novo possuiu três fases, que diferem as produções audiovisuais em tema, estilo e assunto. Na primeira fase (1960-1964), os objetivos do Cinema Novo estão bem representados, com temáticas voltadas aos problemas sociais, bem como a violência, a fome, a desigualdade social e a alienação religiosa. Com poucos recursos e uma câmera na mão, os cineastas foram em busca do povo brasileiro, nos cantos mais obscuros do país, retratando também o fatalismo<sup>11</sup> e estoicismo<sup>12</sup> da classe trabalhadora, que se via desencorajada a trabalhar para alcançar mudanças. Nessa época, filmes como “Bahia de todos os santos” ganharam destaque, enfatizando a realidade do Nordeste brasileiro.

Na segunda fase (1964-1968), abordou-se a questão da Ditadura militar. Quando o então presidente do Brasil, João Goulart foi retirado do cargo devido ao golpe militar, os brasileiros passaram a desacreditar do Cinema Novo, que prometia proteger os direitos civis, mas não teve êxito na defesa da democracia. Nesta fase as produções cinematográficas focaram em filmes que analisavam o populismo, o desenvolvimentismo e os intelectuais de esquerda, como forma de resistência ao Golpe Militar.

Na terceira fase do Cinema Novo (1968-1972) os cineastas se aproximaram cada vez mais do Tropicalismo destacando em suas produções os indígenas, bananas e araras. Tornando-se mais profissionais e produzindo filmes que exploravam a cultura brasileira, eles voltaram ao foco original do movimento: a vida e representação de personagens marginalizados e os problemas sociais do Brasil. Nesse período nascem filmes como “Macunaíma” baseado na obra de Mário de Andrade.

“Com efeito, a problemática racial não foi negligenciada pelo contexto de revisões críticas, inflexões e demarcações de fronteiras instituídas pelo Cinema Novo. Os cineastas e críticos ligados ao movimento rejeitavam a maneira como as chanchadas encenavam as relações raciais no Brasil: os artistas brancos ocupavam o primeiro plano e o ator negro (como Grande Otelo, Colé, Blecaute)

---

<sup>11</sup> Doutrina segundo a qual os acontecimentos são fixados com antecedência pelo destino.

<sup>12</sup> Doutrina caracteriza por uma ética em que a imperturbabilidade, a extirpação das paixões e a aceitação resignada do destino são as marcas fundamentais do homem sábio, o único apto a experimentar a verdadeira felicidade.

assumia um papel secundário e não raras vezes estereotipado. Os cinemanovistas também abominavam a forma como as produções da Vera Cruz enforcavam as relações raciais, já que os negros amiúde ficavam ausentes das películas ou somente atuavam em pontos subalternos.” (CARVALHO e DOMINGUES, 2017).

O Cinema Novo, além de ser um importante movimento em relação a estética do cinema brasileiro, também foi um período em que a participação dos negros como atores e atrizes tornaram-se frequentes, no entanto ainda não se tinham negros na direção ou produção do cinema. Ele também proporcionou que o negro fosse representado no cinema sob “muletas culturais”, como a música negra, religiões africanas e o período escravocrata. RODRIGUES (2018) enfatiza que este número maior de produções audiovisuais nas quais os temas giravam em torno do negro, tem relação com o contexto político e com o movimento negro, que buscava sua auto representação nas produções cinematográficas. Porém, CARVALHO (2003) afirma que mesmo diante das reivindicações o negro se limitava a atuação de papéis nas profissões de menor prestígio como domésticas e motoristas. A representatividade negra, ainda é um impasse nas produções cinematográficas, que elevam a negritude à representação da pobreza, marginalidade e criminalidade.

No alvorecer dos anos 50 o cinema brasileiro tem uma concepção meramente epidérmica do negro: principalmente a fêmea negra (como reflexo do machismo de nossa sociedade) é apresentada e oferecida como objeto de prazer. A incidência dessa utilização do corpo negro cresce geometricamente da chanchada da Atlântida até a pornochanchada dos anos 70, que ocorre na mesma época em que a "indústria da mulataria" se organiza e aumenta seus lucros. Em toda uma linha de comédia a mulher negra é vista numa situação de senzala, sempre servindo a um Senhor, satisfazendo sua luxúria, limpando a casa e fazendo a comida (a presença de um ator do porte de Grande Otelo nesta linha de comédia não é bastante para descaracterizar esse tratamento - mesmo porque a lucidez, o talento e a garra dos nossos grandes artistas negros nunca conseguiram furar o bloqueio que o cinema impõe às suas aspirações e reivindicações). Difundindo uma imagem colonial e estereotipada do negro - animal de carga ou objeto sexual - esta parcela do cinema brasileiro evoca e confirma o sentido pejorativo da palavra mulato (que vem de mula). (SENNA, 1979, p.215, *apud* CARVALHO e DOMINGUES, 2017)

#### 4. Representatividade Negra no Cinema Brasileiro

O termo “Representatividade” tem sido tema de destaque nas últimas décadas, seja pelo avanço da tecnologia que possibilita a interação de diversos grupos sociais ou pelos crescentes movimentos que buscam enfatizar a importância de uma sociedade sem divisões raciais e classistas. Segundo o dicionário Aurélio (2016), representatividade é a “Qualidade reconhecida a um homem, a um organismo, mandatado oficialmente por um grupo de pessoas para defender os seus interesses”, ou seja, é a representação de grupos marginalizados ou estereotipados por pessoas ou grupos de influência em diversos âmbitos sociais.

A representatividade negra ainda é um impasse na comunicação brasileira. Apesar de o Brasil ser um país majoritariamente negro, o racismo perpetua na sociedade e a representação do mesmo (quando há), vêm em forma de arquétipos<sup>13</sup> e estereótipos<sup>14</sup>. Com o avanço dos movimentos negros que buscam afirmar sua identidade e lutam por sua representação, houve mudanças no último século, porém pouco significativas, visto que o negro continua sendo minoria em lugares de destaque, como nas universidades, na mídia e na política.

A importância de falar sobre representatividade negra na mídia brasileira, se dá no momento em que o menino negro não enxerga na telenovela uma representação dele mesmo como médico, advogado ou policial, por exemplo, mas como bandido, pobre e sem perspectiva de futuro. Seja nos telejornais, telenovelas, desenhos infantis ou na publicidade, a população negra é minimamente representada e quando há esta representação, acaba gerando debates e enfatizando o racismo existente no país, como é o caso da campanha de Dia dos Pais<sup>15</sup> lançada pelo Boticário em 2018, onde uma família negra protagoniza a história. A

---

<sup>13</sup> Arquétipo é um conceito que representa o primeiro modelo de algo ou antigas impressões sobre algo.

<sup>14</sup> Estereótipo é a imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://youtu.be/-9tTjYmnVLE>



campanha recebeu mais de 17 mil dislikes no Youtube, e foi duramente criticada sob o pretexto de estar instigando o “racismo reverso”<sup>16</sup>.

As produções cinematográficas também deixam muito a desejar, visto que 130 anos após a abolição do período escravocrata, grande parte dos atores negros ainda encenam papéis fidelizados às suas raízes, como empregados, motoristas ou marginais da favela.

“Embora desde o século passado o teatro brasileiro já apresentasse personagens negros como protagonistas (O demônio familiar - 1857 e Mãe - 1860, ambas de José de Alencar), os atores ainda eram brancos pintados, como os minstrels americanos. Esse costume persistiu até bem mais tarde. No cinema, o verismo exige negros verdadeiros, e assim surgiram os primeiros atores profissionais, vindos dos palcos : Grande Otelo, Pérola Negra, Chocolate - os pseudônimos já ostentam a etnia, informando antes mesmo da própria imagem do intérprete. Mas seus personagens não cresceram de importância.”( RODRIGUES, 2008)

Segundo RODRIGUES (2008), mesmo quando protagonistas, todos os personagens negros apresentam arquétipos, estereótipos, caricaturas<sup>17</sup> ou uma mistura destas classificações.

#### 4.1. Arquétipos

Na psicologia analítica criada por JUNG em 1919, o arquétipo é definido como um conjunto de experiências vivenciadas por nossos antepassados durante muitas gerações que ficaram armazenadas no inconsciente coletivo. A palavra “arquétipo” tem sua raiz na Grécia antiga e significa “padrão original” (*archeintypos*).

Segundo JUNG, os fenômenos que nossos antepassados viveram no coletivo, em diferentes épocas e sociedades influenciaram na forma que vivemos, para ele os arquétipos simbolizam as motivações básicas humanas.

O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma *facultas praeformandi*, uma possibilidade dada a priori da forma da sua

---

<sup>16</sup> Racismo reverso é um termo usado para descrever atos de discriminação e preconceito perpetrados por minorias raciais ou grupos étnicos historicamente oprimidos contra indivíduos pertencentes à maioria racial ou grupos étnicos historicamente dominantes.

<sup>17</sup> A caricatura enfatiza e exagera as características da pessoa de uma forma humorística, assim como em algumas circunstâncias acentua gestos, vícios e hábitos particulares em cada indivíduo

representação. O que é herdado não são as idéias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma. Provar a essência dos arquétipos em si é uma possibilidade tão remota quanto a de provar a dos instintos, enquanto os mesmos não são postos em ação in concreto (JUNG, 2000, p. 91).

Conforme RODRIGUES (2011) estabelece em seu livro há uma subdivisão de arquétipos e caricaturas à que negros são submetidos no cinema brasileiro. Sendo eles: Preto velho, Mãe preta, Mártir; Negro revoltado, Negão, Mulata boazuda, Malandro, Favelado, Crioulo doido, Musa, e Afro-baiano. Para compreender a análise dos filmes escolhidos, é preciso esclarecer o significado destes arquétipos e o que eles representam, para então identificá-los nas produções cinematográficas.

Preto velho: responsáveis por manter a tradição oral das tribos, eram velhas mucama<sup>18</sup> contadoras de história. A consolidação deste arquétipo teve início na literatura, a personagem mais conhecida é Tia Nastácia, da obra de Monteiro Lobato, “Sítio do Pica-pau Amarelo”. Ela é representada como uma negra cozinheira muito simpática e bondosa, porém igualmente ignorante e supersticiosa.

Mãe preta: este arquétipo é de origem escravocrata, na qual a mulher negra serve de ama de leite para os filhos brancos do patrão e abdica de sua vida se necessário, para o bem estar do filho de criação. Ela tem como característica a conformidade com seu lugar perante a sociedade.

Mártir: outro arquétipo derivado da escravidão, que representa a tortura generalizada à que os escravos eram submetidos. A narrativa enfatiza estes momentos de tortura e os instrumentos utilizados para tal finalidade.

Negro de alma branca: representação do negro que deseja ser integrado à sociedade dominante. Pode surgir também como um negro intelectual que aceita ser repellido ou

---

<sup>18</sup>Mucama era a designação dada, no Brasil, a negra escrava sexual dos seus senhores. Assim também era conhecida a moça escolhida para auxiliar em serviços domésticos ou fazer companhia a pessoas da família, geralmente as sinhás.

ironizado pelos brancos, mesmo que este seja mais inteligente, para manter-se na “alta” sociedade.

Nobre selvagem: é a representação do negro com uma índole nobre superior a do patrão e a dos outros escravos. Homem digno, respeitoso e com muita força de vontade. Pode ser representado como a classe dominante dentro de um povo escravizado.

Negro revoltado: representa o negro militante, o herói da narrativa, que busca a libertação dos escravos ou é o líder deles.

Negão: este arquétipo diz respeito a sexualização do homem negro. É representado como estuprador de moças inocentes, vingador quando está apaixonado e é rejeitado ou ainda pode ser o sonho das moças brancas da cidade. Algumas vezes, o negão aparece também como bissexual ou homossexual nas narrativas.

Malandro: é um dos arquétipos mais representados no cinema brasileiro, é o negro próximo à marginalidade. São abusados, mutáveis e espertos.

Favelado: possui as características que representam a vida na favela. Representada pelo homem honesto e trabalhador, que gosta de samba ou de um churrasco na laje, e geralmente é amedrontado frente às autoridades.

Crioulo Doido: negro infantilizado mesmo quando adulto, assexuado e considerado inofensivo. São representados em comédias, onde demonstram simpatia, ingenuidade e infantilidade.

Mulata boazuda: mulher sexualizada, que utiliza de seu corpo e sua beleza para alcançar seus objetivos na sociedade. Vaidosa, promíscua e muitas vezes reduzida a um mero objeto sexual.

Musa: a musa representa uma mulher respeitável, que difere da maioria dos afro-brasileiros.

Afro- baiano: trata-se do negro que busca enfatizar suas raízes africanas, através de suas roupas, penteados, etc.

Estas classificações estão presentes em diversos filmes brasileiros, e podem ser percebidas em grande parte das produções atuais, bem como telenovelas, desenhos infantis ou comerciais.

## **5. Análise dos Filmes: Macunaíma e Bahia de Todos os Santos**

Macunaíma (1969) é uma obra escrita por Mário de Andrade, o livro, assim como o filme inspirado na obra, escancara o preconceito em uma das partes principais onde o herói negro busca ajuda de uma mãe-de-santo. A macumba realizada é mais que do que um ritual vindo do povo negro, é uma celebração pagã que envolve brasileiros de todas as raças e crenças, também é representado como as crenças católicas foram incorporadas ao culto dos orixás vindos da África. O personagem percebe em um terreiro e em uma macumba o fato do nosso país não possuir apenas um Deus, e que do negro mais pobre ao político do alto escalão, todos possuem a cultura negra dentro de si.

O filme foi estrelado por um dos atores negros brasileiros de maior relevância, Grande Otelo que interpretou macunaíma, o personagem não falava até os seis anos, sua frase singular foi “ai que preguiça”. O filme possui traços do tropicalismo, trouxe atores da televisão e figurinos coloridos.

Para se tornar o herói considerado “ideal” para representar o povo brasileiro, Macunaíma no final do filme se banha, ou seja ele simplesmente se lavou, no filme o preto da pele de Macunaíma era apenas sujeira. Na narrativa a frase escrita por Mário de Andrade para descrever a cena foi “Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele”. Em sua versão “branca” o ator que interpretou Macunaíma depois do banho foi Paulo José.

Macunaíma tornou-se um marco na produção cinematográfica brasileira por vários motivos, mas destacaram-se aqui, claramente, o uso de recursos técnicos modernos, como a fotografia a cores; a trilha sonora que variou de canções antigas à Jovem Guarda; a presença de atores e elementos cênicos ligados às chanchadas dos anos quarenta e cinquenta; a narrativa em tom de comédia popular, com o locutor em off conferindo à mesma um sentido irônico; a conquista do público, tornando-se sucesso de bilheteria. (MALAFAIA, 2013).

Bahia de todos os Santos conta a história de Tônio (Jurandir Pimentel), um jovem negro abandonado pelo pai branco e pela mãe, que passa a viver com a avó, Mãe Sabina (interpretada pela Mãe de Santo Massu) que mantém um terreiro de candomblé, vivendo oprimido pela miséria e pelo preconceito. A trama gira em torno de um grupo de amigos informados com a vida que têm na capital baiana, durante a Ditadura do Presidente Getúlio Vargas. O personagem principal vive dramas familiares, religiosos e políticos. Ao fugir da família, Tonio passa a viver sustentado pela amante estrangeira Miss Collins (Lola Brah) e a viver de pequenos furtos. A amante tenta afastá-lo desta vida, mas ele acaba se envolvendo em atritos com os grevistas e rouba a própria mulher para resolver seus problemas. Revoltada, ela o denuncia e ele acaba preso. Quando volta para a família, continua sem uma boa perspectiva de vida. Nesta produção percebe-se claramente o arquétipo citado anteriormente do malandro acentuado à marginalidade. A sociedade Baiana criou grande expectativa com relação a estréia do filme:

“Tanto desejei aplaudir você, Trigueirinho Neto: não pude. Bahia de todos os Santos não merece a vaia dos que detestaram o filme. Mas, não merece amor (...). Eu não amei nem detestei Bahia de Todos os Santos. Três Sentimentos se sucederam em mim: a frustração, a piedade e a revolta.. Era então para ver uma sucessão caótica de planos, cenas e seqüências que se esperava ansiosamente a noite de 19 de setembro de 1960?”. E acrescenta: “Eu sempre acreditei que tivéssemos, pela primeira vez, com você imagens mais típicas e mais profundas desta cidade. No fim, é ainda o superficialmente pitoresco que você nos dá.” (MEIRELES, 2011 *apud* SILVEIRA).

Glauber Rocha, precursor do cinema novo nacional, que assistiu ao filme em sua pré-estrela também revelou sua preocupação com a narrativa, segundo Meireles. Ele escreveu em seu livro “Revisão Crítica do Cinema Brasileiro”:

“É um filme de autor, de ruptura, um filme carregado de equívocos, um filme que, mergulhado no social, foi estrangulado pela personalidade individualista de seu autor. Briguei e continuo a brigar porque considero *Bahia de Todos os Santos* uma ruptura com o cinema tradicional que se fazia no Brasil, tão importante, em 1959, como *Rio 40 graus* e *Rio Zona Norte*; como mais tarde *Porto das Caixas* e num plano especial *Os Cafajestes*”. (ROCHA, 2003).

## 6. Considerações finais

Analisando as narrativas e todo o caminho percorrido pelo cinema Brasileiro desde suas primeiras produções até a atualidade, é possível perceber o racismo nas entrelinhas em ambos os filmes. É raro ver o negro em papéis de destaques no cinema e quando ocorre geralmente é estereotipado, como no caso do personagem de “Bahia de todos os Santos” colocado como o “preto malandro” e marginal, assim como em *Macunaíma*, onde a cor do personagem era considerado sujeira e para que ele fosse verdadeiramente um herói que representasse o povo brasileiro precisou se lavar.

É preciso discutir os caminhos que levam a estereotipação do negro dentro do cinema brasileiro e investir em meios que desmitifiquem a população negra como marginais. A representatividade negra é essencial para que este debate seja fundamentado em parâmetros justos e igualitários, tornando uma das principais representações de arte e cultura que é o cinema, um aliado na luta contra o preconceito, para que tanto nas narrativas ficcionais como na realidade, o negro não seja representado como inferior, nem julgado pela sua cor ou etnia.

## Referências Bibliográficas

DOMINGUES, Petronio, & CARVALHO, Noel Santos. **A representação do negro em dois manifestos do cinema brasileiro**. Estudos avançados. 2017.

DOS SANTOS CARVALHO, Noel et al. **Racismo e anti-racismo no Cinema Novo**. Estudo de Cinema, Socine. São Paulo: Annablume, p. 53–60, 2008.

JOHNSON, Randal.& STAM,Robert. **Brazilian Cinema**, New York: Columbia.1995.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução: Maria Luiza Appy. Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis - RJ. Vozes, 2000.

MALAFAIA, Vianna Worney. **Macunaíma, o filme: Joaquim Pedro de Andrade entre o Modernismo e o Tropicalismo**. Natal. Junho, 2013.

MEIRELES, Adalberto. **A crítica Cinematográfica na Bahia (2) - Glauber Rocha**. C de cinema. Disponível em: <<http://pontocedecinema.blog.br>> . Acesso em 08 de julho de 2019.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. Rio de Janeiro: Pallas Editora e distribuidora LTDA. 2011.

RODRIGUES, Érica. . **A representação do negro no cinema brasileiro: da escravidão aos estereótipos**. 2018. Fonte: Medium: Disponível em: <[medium.com/@ericarodrigues\\_93831](https://medium.com/@ericarodrigues_93831)> Acesso em 18 de junho 2019.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro no cinema brasileiro de ficção**. Mnmocine. 2008.

MORIS, João. **O Cinema Brasileiro pós-retomada - Os Anos 2000**, 2016. Disponível em: <<http://www.grupocinemaparadiso.com.br/2016/07/o-cinema-brasileiro-pos-retomada-os.ht>>. Acesso em 08 de julho de 2019.